

COLUNA

RELATOS NEGROS

Nayara Melo

Preta



Quando ando na rua, de cabeça altiva, de passo forte, apressado ou não, esperando ou não. Entre o sol e a chuva, entre as vielas e as ruas, no silêncio de um restaurante, ou o barulho de uma praça. Ao voltar para casa tarde do dia, ou sair cedo para o trabalho. O vento que toca, as folhas que leva, as pessoas que me encaram ou as que decidem baixar a cabeça, as que se perdem dentro de seus smartphones ou perdidas no vazio de seu olhar, observam a vida passar através da janela de um ônibus, ou paradas esperando a vida continuar quando o sinal mudar de cor e o trajeto andar.

No meio das encruzilhadas, poucos arriscam dizer “preta”, poucos arriscam chamar de “negra”. Qual o medo de referir a pele, e atestar o que somos? Pretas e pretos, quisera eu repetir todos os dias, o que sou. Somos. Eu sou Preta. Diga: - Preta. Não temos mais espaços para essas linhas de palavras racistas, escondidas, e ao mesmo tempo tão escancaradas em nossa cara.

“Ei, morena” disseram-me na rua, disseram-me na escola, disseram-me na universidade, disseram-me...

“Ei, preta”, dizemos todos os dias, dizemos para nós mesmos, nos chamamos por sermos quem somos. Pretxs.

Quando o som de um maracatu bate dentro do corpo, quando retumba entre os ossos e a carne. Quando os pés no chão de terra, anunciam a paz e a benção, o corpo dança junto com a música. Levantemos os olhos negros resistentes para o amanhã, olhos de quem traz caminhadas transatlânticas de firmeza e de chão. Escute o som do nós, das pisadas dos ancestrais que deixaram caminho de música, comida e roupas para nós, para sermos pretxs. Qual o medo de referir a pele, e atestar o corpo negro? Corpo que perpassa o sofrimento e a bala, perpassa a existência. Nós combinamos de não morrer, nos chamamos pretxs.



Nayara Melo

"Pernambucana, Mulher Negra cursando Odontologia (UFPE), com fortes tendências para Ciências Humanas e fazendo escapes para a escrita, fotografia e a fé, para não sucumbir na rotina"